

JESUS

O FILHO DE DEUS

O TÍTULO CRISTOLÓGICO MUITAS VEZES
NEGLIGENCIADO, ÀS VEZES MAL COMPREENDIDO
E ATUALMENTE QUESTIONADO




VIDA NOVA

D. A. CARSON

Não existe um título cristológico tão essencial quanto “Filho de Deus”; nenhum outro é mais importante. Esse estudo prova isso com impressionante clareza, por meio de sólida e cuidadosa exegese e reflexão teológica, em face dos equívocos e das disputas de ontem e de hoje. Mais uma vez, D. A. Carson presta um bom serviço à igreja.

Richard B. Gaffin Jr., professor emérito de Teologia Bíblica e Sistemática no Westminster Theological Seminary

Sei o que é rejeitar Jesus como o “Filho de Deus”. Quando eu era muçulmano, nada me deixava mais perplexo e, para ser bem honesto, mais irritado do que ouvir os cristãos se referirem a Jesus como “o Filho de Deus”. Eu os considerava blasfemos que mereciam ser condenados. Mas hoje, nada me deixa mais feliz do que saber que Jesus, de fato, é o Filho de Deus e que esse título é muito mais verdadeiro e maravilhoso do que eu jamais poderia imaginar. Assim, é com entusiasmo e alegria que recebo esse livro de D. A. Carson na condição de alguém que um dia negou a verdade de que Jesus é o Filho de Deus. Com seu jeito costumeiramente claro, caloroso, equilibrado e cuidadoso, Carson nos oferece um novo exame de uma verdade preciosa que tantos cristãos subestimam e tantos muçulmanos entendem mal. Se você deseja conhecer melhor Jesus e a Bíblia, certamente não ficará desapontado com esse livro.

Thabiti Anyabwile, pastor-titular da Primeira Igreja Batista de Grande Cayman; autor de *O que é um membro de igreja saudável?* (Fiel)

O que significa confessar que Jesus é o Filho de Deus? D. A. Carson trabalha com essa questão em *Jesus, o Filho de Deus*. Nesse pequeno livro, ele lança um firme fundamento para ajudar a igreja a entender essa expressão usada com referência a Jesus. Depois de tratar das acepções de “Filho de Deus” nas Escrituras, tanto as gerais quanto as que se aplicam a Jesus, Carson mostra como a teologia sistemática deve se basear numa sólida exegese da Bíblia. Ele se esforça por vincular seu estudo à controvérsia nos círculos missiológicos em torno da apresentação de Jesus como Filho de Deus em contextos cristãos e muçulmanos. De modo crítico e cordial ao mesmo tempo, Carson convida a uma reconsideração das novas traduções que substituíram as referências a Deus Pai e a Jesus como Filho para se tornarem mais aceitáveis aos muçulmanos.

Robert A. Peterson, professor de Teologia Sistemática pelo Covenant Seminary

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
1 “Filho de Deus” como título cristológico	13
2 “Filho de Deus” em passagens selecionadas	45
3 “Jesus, o Filho de Deus” em contextos cristãos e muçulmanos	75
<i>Índice remissivo</i>	115
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	119

PREFÁCIO

Este pequeno livro nasceu do conteúdo de três palestras feitas no Reformed Theological Seminary em Jackson, no estado do Mississippi, nos dias 5 e 6 de março de 2012. Em formato reduzido, tornou-se a Palestra Gaffin sobre Teologia, Cultura e Missões no Westminster Theological Seminary, em 14 de março de 2012, e depois, levemente modificada, transformou-se no conteúdo básico de três palestras em francês, apresentadas durante o Colloque Réformée, realizado em Lion, na França, em abril do mesmo ano. Sou extremamente grato a Michel Lemaire e a Jacob Mathieu pelo trabalho cuidadoso de tradução. É um prazer, e não mera obrigação, expressar meus sinceros agradecimentos aos que organizaram essas palestras e me convidaram para participar. Tenho uma enorme dívida de gratidão por toda a hospitalidade e amabilidade.

Escolhi o tema em 2009. Parte do trabalho que eu havia desenvolvido enquanto lecionava a Carta aos Hebreus, em especial o capítulo 1, no qual se diz que Jesus é superior aos anjos por ser ele o Filho, despertou-me para pensar sobre o assunto de maneira mais global. Além disso, já faz algum

tempo que venho pensando sobre o hiato entre a exegese meticulosa e as formulações doutrinárias. É claro que precisamos de ambas, mas se uma formulação doutrinária não for ditada, em última análise, pela exegese e *visivelmente* controlada por ela ambas se enfraquecerão. O tema do “Filho de Deus” tornou-se um dos vários casos-teste (análises contextuais de termos bíblicos) do meu pensamento. No entanto, desde que o tema foi escolhido, os debates sobre qual seria uma tradução fiel de “Filho de Deus”, sobretudo tendo em vista leitores muçulmanos, têm saído do contexto restrito dos periódicos lidos por tradutores da Bíblia e alcançado o grande público. Denominações inteiras foram apanhadas nessa polêmica que não dá sinais de arrefecimento. O último dos três capítulos deste livro dedica-se ao exame destes dois pontos: como, num contexto cristão, a exegese leva adequadamente ao confessionalismo cristão e como, num contexto transcultural que visa a preparar tradutores da Bíblia para leitores muçulmanos, podemos ser sabiamente flexíveis nos debates atuais. Mas peço encarecidamente que você leia antes os dois primeiros capítulos. Eles fornecem os detalhes textuais necessários sobre os quais a abordagem das controvérsias precisa estar fundamentada.

Este livro não é principalmente uma contribuição para os debates atuais, por mais importantes que sejam. Ele se destina a promover a clareza de pensamento entre os cristãos que desejam saber o que queremos dizer quando nos colocamos ao lado de crentes através dos séculos e confessamos: “Creio em Deus Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor”.

Mais uma vez é um prazer registrar minha dívida de gratidão a Andy Naselli por suas sugestões de valor incalculável.

Soli Deo gloria.

CAPÍTULO UM

“FILHO DE DEUS” COMO TÍTULO CRISTOLÓGICO

“Creio em Deus Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor.” Semana após semana, milhões de cristãos recitam essas palavras do Credo Apostólico. Mas o que significa confessar Jesus como o único Filho de Deus? O que significa dizer que o Deus da Bíblia tem um Filho? Não é possível que o sentido seja exatamente o mesmo de quando digo a alguém: “Sim, eu tenho um filho”. Além disso, em diferentes lugares nas Escrituras aprendemos (como veremos) que Adão é filho de Deus, Israel é filho de Deus, o rei Salomão é filho de Deus, os israelitas são filhos de Deus, os pacificadores serão chamados filhos de Deus, e os anjos são mencionados como filhos de Deus. Que semelhanças ou diferenças existem entre as declarações de filiação acima e a filiação de Jesus? Por que devemos pensar nele como único Filho de Deus?

REFLEXÕES PRELIMINARES

Já faz pelo menos um século que as pregações e publicações cristãs têm dirigido muito mais atenção à divindade e ao

senhorio de Jesus do que à sua filiação. Em tempos mais recentes, quando os cristãos escrevem e falam de Jesus como Filho de Deus, eles costumam se concentrar em um dos três temas seguintes.

Primeiro, muitas obras elaboradas dentro da disciplina da Teologia Sistemática discutem a filiação de Jesus, em especial o título “Filho de Deus”, ao tratar do tema mais amplo da teologia trinitária. O livro de Alister McGrath não inclui “Filho de Deus” no índice remissivo.¹ Ao estudar as “bases bíblicas da Trindade”, o professor McGrath menciona três “personificações” de Deus na Bíblia (embora ele prefira o termo “hipostatizações”): a sabedoria, o Verbo de Deus e o Espírito de Deus.² “Filho” não é mencionado. Mas McGrath dá um bom tratamento a “Filho” nas páginas em que estuda o desenvolvimento histórico da doutrina da Trindade durante o período patrístico. Nesse ponto, os leitores aprendem a visão oriental da Trindade (o Pai gera o Filho e sopra ou “expira” o Espírito Santo) e a visão ocidental (o Pai gera o Filho, e ambos sopram o Espírito Santo).³ McGrath quase não procura amarrar essas discussões ao que os textos *bíblicos* de fato dizem; esse trecho de seu estudo fica preso às controvérsias patrísticas. A recente e bela obra de teologia sistemática de Michael Horton, por ser mais extensa, dedica muito mais espaço à Trindade e se esforça por amarrar suas

¹Alister McGrath, *Christian theology: an introduction* (Oxford: Blackwell, 1994).

²Ibid., p. 248-9.

³Aqui, é claro, McGrath inclui um breve estudo da controvérsia *filioque*: será que o Espírito Santo procede somente “do Pai” (terminologia aceita pelo Credo Niceno) ou “do Pai e do Filho” (ideia transmitida pelo latim *filioque*)? A igreja ocidental insistiu nesse acréscimo.

conclusões teológicas às Escrituras.⁴ Todavia, nem McGrath nem Horton tratam as diferentes maneiras pelas quais o título “Filho de Deus” se aplica a Jesus. Eles se concentram quase exclusivamente nas passagens em que “Filho de Deus” se aplica a Jesus *e parece ter alguma influência sobre o nosso entendimento da Trindade*. Em face das características desses projetos, isso é compreensível e até elogiável. Todavia, os leitores ficam desinformados sobre a variedade de modos pelos quais o título “Filho de Deus” é usado para se referir a Jesus e sobre como a mesma expressão, “filho”, pode ser usada em referência a Adão, aos israelitas, a Salomão, aos pacificadores e aos anjos.⁵ E essa lista não é exaustiva!

Segundo, algumas obras são especializadas e concentram-se não nas categorias da Teologia Sistemática, mas em linhas levemente diversas. Sam Janse conta como o salmo 2 — principalmente a fórmula “Tu és meu filho” — foi recebido no judaísmo antigo e no Novo Testamento.⁶ A história que Janse reconstitui é minimalista; ele certamente não a dirige para o trinitarismo. Seguindo por um caminho um pouco diferente, Michael Peppard analisa os processos de adoção nos contextos social e político do mundo romano, lendo dentro desse cenário o Novo Testamento e as

⁴Michael Horton, *The Christian faith: a systematic theology for pilgrims on the way* (Grand Rapids: Zondervan, 2011).

⁵Podemos acrescentar aqui as poucas páginas dedicadas a “Filho de Deus” no livro muito bem embasado de K. Scott Oliphint, *God with us: divine condescension and the attributes of God* (Wheaton: Crossway, 2012).

⁶Sam Janse, “*You are my Son*”: *the reception history of Psalm 2 in early Judaism and the early church*, Contributions to Biblical Exegesis and Theology (Leuven: Peeters, 2009).

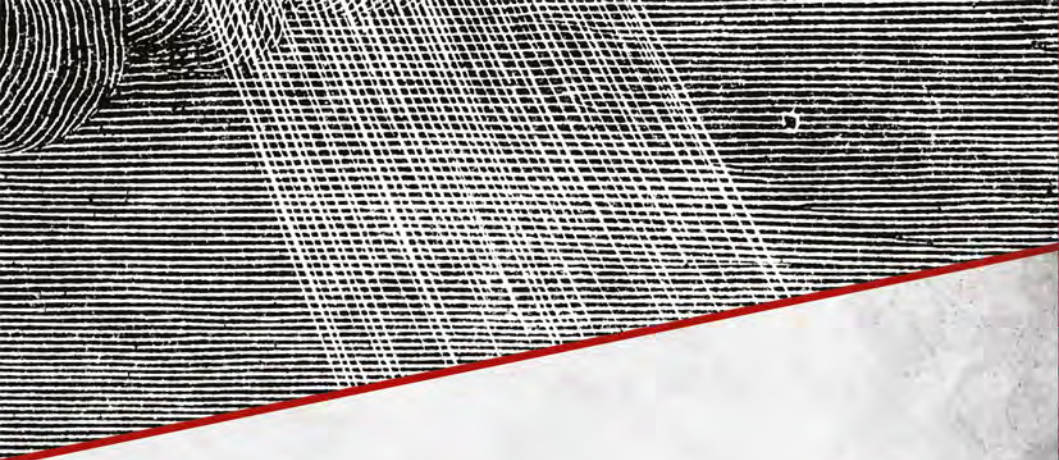
evidências patrísticas em desenvolvimento.⁷ Os leitores não estarão totalmente equivocados se concluírem que a tese de Peppard é um novo reducionismo, mais um exemplo de exegese que recorre a supostos paralelos (nesse caso, paralelos greco-romanos), outro caso de “paralelomania”, para usar o simpático termo criado por Samuel Sandmel.⁸

Terceiro, nos últimos anos surgiram duas controvérsias veementes que mereceram espaço nas publicações que tratam da terminologia do “Filho” ou do “Filho de Deus” aplicada a Jesus. O primeiro desses embates diz respeito ao grau de subordinação do Filho em relação ao Pai, com influências correlativas sobre as discussões em torno do igualitarismo e do complementarismo. Nos capítulos deste livro, não dedicarei muito espaço a esses debates, mas farei apenas algumas observações ao longo do caminho. A segunda polêmica discute como se deve traduzir a expressão “Filho de Deus”, sobretudo nas traduções da Bíblia dirigidas ao mundo muçulmano. Reservarei parte do capítulo três para tratar desse assunto — mas só estarei pronto para isso depois de lançar os alicerces nos dois primeiros capítulos.

Esses, então, têm sido os três principais pontos de interesse nos últimos anos, sempre que se examina a expressão “Filho de Deus”. De vez em quando, surgem exceções interessantes. Pensamos, por exemplo, no excelente trabalho de Robert A. Peterson, *Salvation accomplished by the Son: the work of Christ* [A salvação consumada pelo Filho: a obra de

⁷Michael Peppard, *The Son of God in the Roman world: divine sonship in its social and political context* (Oxford: Oxford University Press, 2011).

⁸Samuel Sandmel, “Parallelomania”, *Journal of Biblical Literature* 81 (1962): 2-13.



Em *Jesus, o Filho de Deus*, o aclamado acadêmico D. A. Carson, estudioso do Novo Testamento, examina a importância da filiação divina de Jesus para o modo de os cristãos da atualidade pensarem e falarem sobre Cristo, em especial no que diz respeito à tradução da Bíblia e ao trabalho missionário com muçulmanos de todo o mundo.

Embora a identidade de Jesus como “Filho de Deus” seja uma confissão de base para todo cristão, boa parte de sua importância é muitas vezes negligenciada ou mal compreendida.

Por meio de um levantamento da expressão “Filho de Deus” nas Escrituras e de uma exegese de dois textos-chave que tratam da filiação de Cristo, Carson lança luz sobre esse importante tema com sua habitual clareza exegética e percepção teológica.

D. A. Carson (PhD pela Universidade de Cambridge) é professor pesquisador de Novo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School, onde leciona desde 1978. É presidente da The Gospel Coalition [Coligação pelo Evangelho] e já escreveu ou organizou mais de 60 obras, entre elas: *A manifestação do Espírito*, *Os perigos da interpretação bíblica*, *Cristo e cultura: uma releitura*, *As Escrituras dão testemunho de mim*, *Comentário bíblico Vida Nova* e *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*, todos publicados por Edições Vida Nova.

ISBN 978-85-275-0609-0



9 788527 506090



VIDA NOVA

vidanova.com.br